

Dissidentes e resistentes

Pesquisas reunidas no quarto livro da Renami tensionam noções hegemônicas em narrativas da comunicação

JAQUELINE FRANTZ DE LARA GOMES¹



Tensão e desafio a diferentes noções hegemônicas presentes em narrativas da comunicação, ficcionais e não ficcionais, frequentemente pacificadas e normalizadas, talvez seja a expressão que melhor sintetize o livro-coletânea “Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes”. A obra foi lançada em novembro de 2020, pela Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), vinculada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, durante o 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado na modalidade

remota devido aos protocolos de segurança da Covid 19.

Uma publicação que merece atenção e compartilhamento por reunir pesquisas e reflexões sobre as narrativas da atualidade, com autoras e autores de diferentes regiões do Brasil. Ao todo, são 45 pesquisadores, que escreveram 27 capítulos reunidos no livro (PDF) de 446 páginas. Os organizadores são Marta Maia e Mateus Yuri Passos e o prefácio de Dione Oliveira Moura. Em formato de e-book, disponível para download gratuito no site da editora Cartarse (<https://www.editoracartarse.com.br/narrativas-midiaticas-contemporanea-epistemologias-dissidentes/>), trata-se da quarta edição da publicação da Renami.

A rede de pesquisa foi fundada em 2015, durante o 13º SBPJor, em Mato Grosso do Sul, com o intuito de aglutinar os pesquisadores ligados à associação que dialogam com o tema “narrativas”, gerando conhecimento por meio da realização e divulgação de pesquisas cole-

Trama: Indústria Criativa em Revista.

Dossiê: *Narrativas midiáticas na pandemia – novas rotinas e produções de sentido*
Ano 5, vol. 10, nº 1, julho a agosto de 2020: 312-317, ISSN: 2447-7516

tivas. Desde então, vem ampliando o número de participantes em torno dos estudos que já renderam as três publicações anteriores, cujos títulos e discussões foram “Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas”, “Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas” e “Narrativas midiáticas contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares”. E uma quinta coletânea já está em fase de elaboração com lançamento previsto para novembro de 2021.

O livro em questão, o quarto publicado pela Renami, tem como aspecto central as discussões em torno das epistemologias dissidentes, como refere o título da obra. Como apresentam os organizadores, “são abordadas as construções culturais em torno dos povos originários do território brasileiro, construções de gênero, de raça e de classe, de punitivismo, de conflitos e de paz, o lugar da subjetividade, da experimentação estética e da experiência dos sujeitos na produção jornalística, as noções de verdade. A noção de decolonialidade perpassa boa parte dos capítulos, que trazem a preocupação com a desconstrução e superação das posturas colonialistas em seus aspectos culturais, ideológicos e epistemológicos” (MAIA; PASSOS, 2020, p. 9).

Os 27 capítulos do livro estão agrupados em quatro tópicos em acordo com a temática geral: “Povos indígenas e disputas de sentido”, “Jornalismo, subjetividades e alternativas”, “Imagens dissidentes” e “Literatura, jornalismo, artes e ressignificações”. A primeira parte conta com três artigos que discutem as construções culturais em torno dos povos originários do território brasileiro. “O índio e os outros: apontamentos e contribuições sobre a invenção da Amazônia na construção de uma narrativa dissidente” é tema do estudo de Alda Cristina Silva da Costa, Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira, Lídia Karolina de Sousa Rodarte e Nathan Nguangu Kabuenge. Como segundo título, “Memórias (re)configuradas e disputas de sentidos nas narrativas do “Caminho das Missões” norteiam a pesquisa de Ingrid Bomfim Gonçalves e Larissa Conceição dos Santos; e encerrando o tópico, “Legalize já! Narrativas sobre o garimpo ilegal em terras indígenas no portal Roraima em Tempo” é a contribuição dos pesquisadores Maria Luciene Sampaio Barbosa e Vilso Junior Santi. Ambos lançam olhares necessários diante do cenário dramático dos povos indígenas nos últimos anos.

A segunda parte, em torno do “Jornalismo, subjetividades e alternativas”, tem a contribuição de seis textos nos quais se destacam os questionamentos às práticas conservadoras e a emergência de novos

modos de experimentação jornalística. Fabiana Moraes abre o tópico com a narrativa “A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro”, texto que sublinha a necessidade cada vez mais pertinente de discutir pilares do jornalismo, como a objetividade e a imparcialidade que, em sua estrutura, herdaram “uma racionalidade atravessada por hierarquias estabelecidas pela cor e pelo gênero”. De modo que a autora questiona e propõe pelo viés das subjetividades da narrativa formas de resistir à superficialidade como questões de raça, classe, gênero, geografias vem sendo tratadas pela imprensa.

No mesmo tópico, a violência contra as mulheres surge com um “plus” devido aos tempos de isolamento social, no estudo “Confinadas com seus próprios agressores: narrativas jornalísticas de violências contra as mulheres no contexto da pandemia”, de autoria de Dayane do Carmo Barretos e Marta R. Maia. Seguindo a tônica da visibilidade que abre o tópico, “Narrativas midiáticas contra-hegemônicas: midiativismo e jornalismo independente como condição de visibilidade” é tema dos estudos de Tiago Segabinazzi e Jane Márcia Mazzarino. O viés político também ganha foco no artigo “Narrativas jornalísticas no site Jornalistas Livres: as estratégias argumentativas de seus narradores durante o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff”, de Karolina de Almeida Calado e Heitor Costa Lima da Rocha. A reflexão acerca das narrativas de conflitos e as subjetividades aparece no artigo “Cobertura de conflitos orientada para a paz: reflexões a partir da narrativa de Bru Rovira”, de autoria de Tayane Aidar Abib, texto em que se destacam a empatia e o aspecto relacional no processo.

Fechando a segunda parte do livro, “Os Vestígios da ‘Escola de Navarra’ no Jornalismo brasileiro: primeiras aproximações – o caso da Gazeta do Povo”, é tema das discussões dos pesquisadores José Carlos Fernandes e Myrian Del Vecchio-Lima. Uma observação recomendável para novatos e veteranos, dadas as tentativas de sobrevivência (econômica) das empresas jornalísticas que (também) afetam o “modus operandi” das redações desde a emergência da internet, das redes e das facilidades de acesso às tecnologias de comunicação e informação.

No terceiro tópico, “Imagens dissidentes”, são oito textos que contemplam a desconstrução de imagens já encrostadas nos meios digitais e audiovisuais acerca de povos, geografias e acontecimentos. O capítulo ainda aborda tensões sobre questões de gênero em recentes produções audiovisuais. Filmes, poesias, telejornais, charges e a

rede social Instagram estão entre os objetos de análise das pesquisas: “Atravessamentos da colonialidade de gênero nos ‘blockbusters’ de super-heróis”, da pesquisadora Letícia Moreira de Oliveira; “Potências femininas: diversificação narrativa e desconstrução de estereótipos nas personagens do filme Bacurau”, de autoria de Andriza Maria Teodolindo de Andrade e Talita lasmin Soares Aquino; “Um estuprador no teu caminho’: narrativas dissidentes do Chile para o coração do mundo”, por Raquel Wandelli; “Madame Satã: o sertão e a vida ordinária na poética de Karim Aïnouz”, de Márcia Gomes Marques e Iago Porfírio; “Videoteratura como estratégia do telejornalismo: Um olhar epistemológico sobre produtos das emissoras TV Globo e GloboNews”, de Cláudia Thomé e Marco Aurelio Reis; “Atravessando fronteiras, desviando de abismos: narrativas de experiência da realização de um festival de cinema no Oeste da Bahia”, de Hanna Vasconcelos, Michel Santos, Milene Migliano e Rafael Beck; “#Favela: transformação social e disputas de visibilidade no Instagram na era da cultura digital”, de Admilson Veloso da Silva e “Humor, narrativa e história: A Constituição de 1988 nas charges da Folha de S. Paulo”, assinado por Paulo Henrique Soares de Almeida.

O quarto e último tópico, “Literatura, jornalismo, artes e ressignificações”, lança olhares atentos sobre narrativas decoloniais no campo da estética e de recentes configurações narrativas em variados suportes, além da emergência das Fake News em um estudo acerca da sua anatomia narrativa. No capítulo, estão os títulos: “Matem os monstros!': reflexões sobre o punitivismo midiático ocidental sob uma perspectiva decolonial”, de autoria dos pesquisadores Vanessa Ribeiro do Prado e Victor Lemes Cruzeiro; “Entre a loucura e o racismo: a construção da autorrepresentação em Lima Barreto”, de Arthur Breccio Marchetto e Igor Oliveira Neves; “História, dissidência(s) e estrutura(s) de sentimento: Estratégias narrativas de Carlos Heitor Cony em crônicas contra o golpe militar de 1964”, de Maurício Guilherme Silva Jr.; “Livro-reportagem e ethos compreensivo latino-americano: Um ensaio a partir de Colômbia espelho América e As veias abertas da América Latina”, de Bruno Ravanelli Pessa; “A história dos ‘ninguéns’: a narrativa decolonial em O livro dos abraços”, de Eduardo Galeano”, de Luiz Henrique Zart; “Primeiro Comando: a transgressão sardônica das metanarrativas do MC Zóio de Gato como arte contra-hegemônica”, de Victor Fermino da Silva; “Análise do gênero ‘poesia documental’ no Jornalismo cultural e literário”, de Andressa C. Monteiro; “Narrativa ecológica: sintonizando texto, contexto e experiência”, de Ag-

nes de Sousa Arruda e Tadeu Rodrigues Luama e fechando a quarta e última parte da coletânea, “A sedução das fake news em tempos de COVID-19: anatomia narrativa e pós-verdade”, por Fabiana Piccinin.

Todas as reflexões propostas na obra dizem respeito a questões fundamentais de igualdade, respeito, dignidade e humanidade. Os tempos de pandemia do coronavírus, em especial, trouxeram demandas de análise sobremaneira importantes, posto que são atuais e que interferem na realidade social, no entendimento dos fatos e tomada de decisões dos cidadãos. Como o caso das Fake News que tomam para si os mais variados assuntos e que tem sido um verdadeiro problema no combate a pandemia de Covid-19, como cita o artigo que fecha o livro. Texto este que propõe um entendimento da anatomia dessas narrativas, de modo a enfrentar também essa pandemia que afeta a legitimidade das narrativas jornalísticas. Enfim, são todas as reflexões atravessadas pela importância não só a estudiosos da área, mas também para a sociedade em geral.

Essa capacidade de intercâmbios disciplinares, aliás, faz eco ao que menciona a prefacista: “É riquíssimo como os estudos da obra trazem o saber-fazer (“savoir-faire”) de diversos campos disciplinares, tecendo uma leitura dinâmica a partir de contribuições dos estudos de linguagem, estudos de narrativa, Linguística, Comunicação, Jornalismo, Sociologia, estudos de Gênero, estudos Decoloniais, História, Ciência Política e é bem Literatura, entre outros. São modos de saber-fazer que auxiliam a demonstração de que as narrativas dissidentes desta obra organizada pela Renami são também formas de politização, formas de agir político (não necessariamente no sentido político partidário), mas antes no sentido fundador de estar na pólis e nela configurar novos caminhos de cidadania” (MAIA, PASSOS; 2020, p. 12).

Vejamos, portanto, que são pesquisas, muitas em desenvolvimento, que podem receber contribuições, unir interesses ou mesmo inspirar pesquisadores a se lançarem no tema proposto e sua interdisciplinaridade ou, de modo geral, nos estudos em torno das narrativas. Uma coletânea potente como, de novo, citamos o que bem diz o prefácio: “O que temos nesta potente coletânea ‘Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes’ são pensares de contra-hegemonia, firmes na postura crítica a uma hegemonia dominante que prima pela manutenção de tais desigualdades, sejam de gênero, étnico-raciais, religiosas, culturais, políticas e/ou econômicas. Vemos na obra, pois, epistemologias de resistência que eclodem no

espaço público como formas alternativas de dizer e de construir a realidade” (MAIA, PASSOS; 2020, p. 11).

Dito isso, mais do que recomendar a leitura, desejamos que se materialize o sentido maior desse tipo de estudo: que reverbere na continuidade das pesquisas e na construção de novos caminhos e alternativas dissidentes, para reduzir as desigualdades e, portanto, também resistir. No Brasil ainda precisamos muito de tudo isso.

REFERÊNCIA

MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**: epistemologias dissidentes. Recurso eletrônico. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

NOTAS

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Bolsista FAPERGS/CAPES. Jornalista, graduada pelo Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Integrante do Grupo de Estudos sobre Narrativas Literárias e Midiáticas (GENALIM). E-mail: jaqlara@yahoo.com.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7009532665213216>. Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-1647-3799>